

Prólogo

Cercanias do rio Guadalquivir, Verão de 1491

A mocinha agachou-se entre a vegetação rasteira do brejo, tensa como uma lebre, aguentando em silêncio o calor e a umidade sufocantes do fim de agosto. Um junco requemado pelo sol raspou-lhe o braço esguio, de um dourado pálido, e ela abafou uma imprecação.

— Dizer nomes feios, outro pecado a confessar ao padre Alonzo.

Murmurou as palavras num tom inaudível e começou a rastejar ao longo da beira da água salobra em direção à lagoa, mais funda e mais limpa, de onde ecoavam sons de borrifos altos e cantoria. A longa trança de cabelos de um tom escuro de ruivo tinha se desmanchado parcialmente e pendia sobre o ombro conforme ela espreitava a presa. Ao se aproximar de uma moita de rosas espinhosas, estreitou os olhos verdes de gata e espiou pela densa folhagem rasteira.

A uns vinte passos de distância, um rapaz estava de pé, de costas para ela, mergulhado até a cintura na água clara, enquanto seu cavalo saciava a sede ruidosamente na beira do rio. Por um momento fugaz, os olhos da jovem se desviaram para o magnífico puro-sangue árabe, cujo pelo castanho reluzia sob o sol quente de Andaluzia. Ela já havia admirado o corcel muitas vezes, mas agora era o cavaleiro que lhe prendia o interesse.

Os cabelos até os ombros eram cacheados, precisando de um bom corte, e emitiam reflexos dourados conforme ele chapinhava na água, fazendo-a espumar, enquanto cantava uma cantiga de soldado, de versos obscenos e chocantes, sem dúvida aprendida com os compatriotas mais velhos das guerras contra os mouros.

Outro pecado a confessar.

Ela suspirou e chegou mais perto, arregalando os olhos ao absorver toda aquela beleza máscula bronzeada de sol. Músculos de tendões fortes e encordoados ondulavam pelo corpo esbelto que ele esfregava vigorosamente. Quando se virou, quase de frente para o seu esconderijo, Magdalena Luisa Valdés prendeu a respiração.

Ele esquadrinhou a vegetação que lhe servia de abrigo e correu os olhos até o grupo de oliveiras onde o puro-sangue estava escondido. Magdalena estudou-lhe as belas feições, as grossas sobrancelhas douradas e arqueadas, os faiscantes olhos azul-escuros, as maçãs do rosto altas e esculpidas e os lábios belamente cinzelados, agora abertos num sorriso

que exibia dentes impressionantemente brancos.

Então ele inclinou a cabeça para trás e riu, iniciando outra estrofe da canção. Sua voz era profunda e sensual, ressoando do peito largo e musculoso, generosamente coberto por um desenho de pelos dourados que se estreitava e depois sumia tentadoramente sob a superfície da água.

— Andaluz, você deveria vir juntar-se a mim. A água está refrescante e deliciosa! — Aaron gritou para o garanhão parado pacientemente à margem do rio.

O cavalo sacudiu a cabeça como se compreendesse e, então, continuou a pastar.

— Chega! Você vai ficar muito gordo para sua cilha se eu não for para casa logo — ele disse, afundando depressa para enxaguar o corpo e depois rompendo a superfície da água, sacudindo a cabeça e espalhando gotas que faiscaram ao sol, ao voarem para todos os lados.

Quando ele começou a caminhar na direção da margem, Magdalena esqueceu de respirar conforme olhava aquele corpo nu e bronzeado emergir da água.

— Então é verdade — murmurou, admirada, enquanto seus olhos se cravavam naquela parte da anatomia máscula aninhada numa moita de pelos de um dourado escuro.

Seus olhos desceram pelas pernas longas e esguias e depois correram de volta a se concentrar no falo mais uma vez. Parecia diferente daquele desenhado nos livros de medicina que ela havia espiado na biblioteca de Palma.

Tinha entreouvido seu pai e os amigos dizer que os judeus mutilavam seus corpos com a circuncisão. Diego Torres não parecia deformado para ela, de jeito nenhum. Parecia esplêndido!

Que penitência teria de pagar por essa aventura, espiar um judeu convertido nu, no banho...! Se seu pai descobrisse isso algum dia, ficaria furioso. Mas matar a curiosidade daquela maneira valia a pena.

Magdalena se apaixonara por aquele rapaz desde que era uma menina de apenas dez anos, e ele, um garoto de quinze, quando acompanhara o pai à Corte do rei Fernando e da rainha Isabel, cinco anos antes. Claro, na época ele era conhecido como Aaron Torres. O pai era o médico mais confiável do rei, e um judeu. Por pressão real, a família Torres aceitara a conversão, e seus filhos tinham recebido nomes cristãos de batismo.

Aaron agora era Diego. Algumas coisas, porém, não podiam ser apagadas tão facilmente, ela pensou com um sorriso malicioso. Se o garoto imberbe fora uma visão dourada para ela, o rapaz fortalecido pelas batalhas que observava agora era infinitamente mais impressionante. Uma fina cicatriz margeava seu queixo, e outra corria por suas costas,

onde, sem dúvida, algum soldado mouro deixara a marca da covardia ao atacá-lo por trás. Um talho profundo na perna esquerda também atestava suas experiências de batalha. Ela observou-o enxugar-se com um pedaço de pano branco e depois começar a vestir as roupas limpas que pegou de uma trouxa.

As roupas condiziam com sua posição de herdeiro de uma família rica e distinta. As calças que se apertavam às pernas musculosas eram do tecido mais fino, a camisa de um linho branco como a neve, bordada no pescoço com fios de seda de um azul profundo, combinando com o gibão que se esticava pelos ombros largos. Ele embrulhou a pesada armadura de couro, mas afivelou a espada e o punhal nos quadris estreitos, calçando depois um par de botas surradas de pele de gamo amaciadas pelo uso.

Aaron correu a mão pelo queixo macio, barbeado antes do banho, e depois examinou seu reflexo na lagoa.

— É o suficiente para cumprimentar minha família — resmungou, carrancudo, contente pelo menos por estar livre do cheiro de sangue e da sujeira da batalha.

Olhou ao redor. Que estranho... Sentia-se como se estivesse sendo observado. Atribuindo a estranha sensação aos encontros recentes com a morte, riu e perguntou a si mesmo:

— Acha que algum mouro vai saltar de trás das moitas de rosas silvestres?

Erguendo a trouxa de roupas sujas e os equipamentos de combate, pensou no breve retorno ao lar. Don Carlos permitira que visitasse sua família por ocasião do casamento da irmã mais nova, Ana, cujo noivo era de uma família nobre e importante de cristãos, da ilustre casa ducal de Medina-Sidonia. Talvez seu pai se rejubilasse com isso, mas Aaron sabia que sua mãe não estava satisfeita. E ele, por sua vez, não faria qualquer julgamento até conversar com Ana.

Magdalena observou o cavaleiro loiro montar, aparentemente perdido em pensamentos. Ótimo. Era menos provável que a avistasse. Agachando-se no mato espinhento, ela prendeu o fôlego, receosa de que os olhos aguçados de soldado do rapaz localizassem seus vibrantes cabelos ruivos em meio à vegetação sombria e aos tons acastanhados da charneca.

Quando o magnífico alazão trotou na direção oposta, ela soltou um lento suspiro sibilante e levantou-se. Suas pernas doíam com câibras, e cada centímetro de sua pele parecia esfolado. Jogando a trança úmida dos cabelos por sobre o ombro, esticou-se como um potrinho recém-nascido e começou a voltar pelo caminho até onde deixara seu cavalo escondido.

Mal tinha saído do mato alto da charneca quando os avistou, os irmãos Muñoz, Juan e Pedro, garbosos em seus trajes elegantes. Filhos

do vizinho mais próximo de sua família, eram dissimulados, astutos e mal-afamados por abusar das camponesas da propriedade que possuíam. Esticando-se em seus plenos um metro e cinquenta, Magdalena os encarou, desafiadora. Afinal, era filha de Bernardo Valdés, um nobre de linhagem antiga e honrada, embora, no presente, sem grande fortuna.

Pedro sorriu, afetado, olhando o vestido molhado que se agarrava ao corpo esguio ainda em formação de Magdalena.

— Ora, ora, o que temos aqui, sozinha e perdida, hein?

— Talvez uma dama precisando de socorro — retrucou Juan e, então, soltou uma risadinha, como se pensasse melhor: — Não, não, acho que essa ninfa do pântano, assim tão suada e maltrapilha, não passa de uma camponesa.

Os olhos de Magdalena se estreitaram de fúria.

— Você sabe muito bem quem eu sou, Juan Muñoz. Saia do meu caminho! — ordenou, num tom imperioso.

— Onde está seu acompanhante? Seu pai não iria permitir um passeio assim, sem companhia — disse Pedro, de um modo melífluo, chegando mais perto.

Magdalena viu que os dois se postavam entre ela e seu cavalo. Por que escapulira para cavalgar sozinha aquela tarde? Sua dama de companhia, Miralda, sempre a censurava e a alertara, durante anos, inutilmente, sobre as consequências disso. Sua boca ressecou-se ao correr os olhos pela charneca isolada. Só o pequeno punhal em sua cintura lhe inspirava alguma coragem.

— Vocês dois são tão bárbaros quanto os mouros para acossar uma dama?

— Não vejo nenhuma dama, só uma mocinha levada, um tanto molhada, que precisa de uma lição de boas maneiras — disse Juan, atirando-se sobre ela.

Magdalena sacou o punhal e desferiu um golpe no braço estendido de Juan, cortando o veludo pesado da manga do gibão, arrancando-lhe sangue e um palavrão sibilado.

— Pegue-a, Pedro — ele resmungou, enquanto esticava a mão de novo e, dessa vez, agarrava Magdalena pela cintura fina num abraço de partir os ossos, puxando-a para si com um safanão.

A garota chutou Juan quando o pequeno punhal escapou de seus dedos entorpecidos, mas Pedro foi rápido e aproximou-se por trás dela, agarrando-a pelos joelhos enquanto o irmão a prendia pelos braços. Juntos, derrubaram a jovem franzina no chão e a seguraram com força. Pedro mudou de posição para lhe prender os tornozelos e levantar-lhe a saia até as coxas. Enquanto ela se debatia e lutava, Juan acariciou as

pernas esguias e ergueu a saia ainda mais.

Magdalena sentiu o grito irromper de sua garganta. Por que cometera a insensatez de seguir Diego Torres para espia-lo? Que loucura entrar naquele fim de mundo deserto e arriscar-se ao horror que agora desabava sobre ela!

— Pode gritar, ninguém vai ouvir — disse Pedro, numa voz rouca de lascívia.

Começou a desafivelar o cinto enquanto Juan a segurava no chão. Magdalena debateu-se e chutou em vão. Embora forte e ativa, tinha apenas quinze anos, e era de baixa estatura e ossos miúdos. Pedro abriu as calças e puxou-as para baixo, expondo o membro enorme e rijo. Parecia obsceno e carnudo conforme ele usava uma das mãos cheias de anéis para empurrar o prepúcio para trás com um gesto brusco. Magdalena virou a cabeça para não ver aquele horror iminente, quando Pedro começou a debruçar-se sobre ela.

De repente, ouviu Juan soltar um grunhido, e o aperto forte em seu pulso afrouxou conforme ele se virava da posição ajoelhada para confrontar um atacante.

— Porco! Levante-se e enfrente alguém capaz de se defender! — Aaron exclamou com firmeza, e sua espada reluziu ao sol da tarde.

Pedro afastou-se de Magdalena, que se encolheu e ficou de joelhos, cobrindo as pernas e soluçando, enquanto seu atacante lutava desesperadamente para erguer as calças abaixadas e sacar a espada ao mesmo tempo.

Juan levantou-se e confrontou o desafiante, mas estremeceu ao ver o sorriso cruel nos lábios do loiro desconhecido. Nada mais fez que sacar a espada e desferir um golpe circular desajeitado que fez a arma voar de sua mão, e então recuou conforme o adversário, mais alto, comprimia a beirada da lâmina em seu pescoço.

Já então, Pedro recobrou o bom-senso e dera um jeito nas calças, o suficiente para enfrentar o intruso.

— Diego, cuidado! — Magdalena gritou, quando Pedro atirou-se sobre as costas dele.

Aaron virou o corpo com a rapidez de um raio, aparando o golpe da lâmina de Pedro. Livrou-se do oponente mais baixo, porém mais pesado, com uma estocada rápida e precisa que quase decepou o corpo do adversário em dois. Ao pressentir Juan atrás de si, novamente de posse da espada, virou-se e novamente empunhou a arma com uma precisão cegante, seccionando o pescoço grosso e curto de seu adversário.

Magdalena nunca vira tanto sangue desde que presenciara uma luta de espada nas ruas de Sevilha, dois anos antes. Seu salvador limpou a

arma com a calma prática e metódica de um soldado acostumado com carnificina, e então embainhou a espada e olhou para a garota de pé diante dele. Suja e desgrenhada, apesar de tudo ela possuía as feições patricias e o porte da nobreza de Castilha. Estreitando os olhos, refletiu que aquela jovem lhe parecia estranhamente familiar.

— Você sabe o meu nome — disse, ajudando a moça assustada a ficar de pé.

Ela desviou o olhar dos irmãos Muñoz e fitou os olhos penetrantes do rapaz que era o seu príncipe secreto. Recordando-se de como o espiara desavergonhadamente, sentiu o calor subir pelas faces ao responder:

— Você é Diego Torres.

— Está em vantagem sobre mim. Não sei o seu nome.

Apesar do estado desalinhado, o vestido de lã verde da moça tinha um belo talhe, e as botas enlameadas eram de couro de cabra. Diego esperou por uma resposta.

— Sou Magdalena Luisa Valdés. Meu pai é dono destas terras. — Ela fez um gesto abrangente.

— Como pode a filha de um nobre estar perambulando sozinha pelo campo?

Ele podia perceber a culpa infantil entremeadada ao sentimento de orgulho de nascença. Orgulho, cobiça, e aquele trecho imprestável de charneca eram tudo que restara à família Valdés.

— Esses dois são filhos do meu vizinho — ela emendou num tom de escárnio, esquivando-se de responder à pergunta. — Vi você muito anos atrás, quando Suas Majestades estavam com a Corte em Córdoba. Você estava lá com seu pai, don Benjamin. Seu nome era Aaron então — disse baixinho, fitando com um olhar de veneração aquele rosto bronzeado.

Ao se recordar da intrigante mulher de Valdés, dona Estrella, uma daquelas prostitutas do bastardo Trastamara, ele retrucou com frieza:

— Meu nome ainda é Aaron.

— Não deveria dizer isso, ou o Santo Ofício...

— Parece que andou escutando as conversas de meu pai — ele a interrompeu, contrafeito. — Sou leal a meu país e à sua única religião verdadeira, e abandonei a lei de Moisés. Isso terá de ser suficiente. Vai me denunciar à Inquisição? — ele indagou, com um tom de contida diversão na voz. — Pobre retribuição por salvar sua vida.

Magdalena arquejou.

— Claro que não! Sou muito grata, e os irmãos Muñoz sempre foram detestados. Todo mundo vai saudá-lo como um herói, por matá-los.

Aaron bufou, com evidente incredulidade.

— Devo acreditar nisso? Quando um *marrano* mata os filhos de um

nobre cristão, será culpado, não importa qual tenha sido o motivo. Você nem poderia testemunhar a meu favor sem destruir sua reputação — acrescentou, com curiosidade.

Ela não passava de uma criança, mas devia saber da moral da mãe.

Magdalena engoliu em seco, horrorizada.

— Minha aia sempre me disse que escapulir para cavalgar sozinha traria a ira dos Céus sobre mim.

Ela parecia tão abalada que Aaron caiu na risada.

— Seu segredo está a salvo comigo, se o meu... — apontou para os homens mortos — ...estiver a salvo com você. Onde está sua montaria? Como se distanciou tanto dela? — Olhou ao redor, sem ver sinal de um cavalo.

Mais uma vez, Magdalena sentiu o rosto queimar.

— Meu cavalo está além daquelas árvores. Eu... eu queria andar um pouco.

— Neste barreiro horrível? — ele perguntou, em dúvida.

Ela curvou os ombros quando se virou e começou a caminhar com esforço na direção de onde sua potranca estava amarrada.

— Foi idiotice minha, eu sei. — Então virou-se e o encarou, com expressão radiante e um sorriso alegre no rosto. — Mas se não posso falar de você, você também não pode falar de mim.

Ele concordou.

— Vamos deixar que as autoridades pensem que os irmãos Muñoz foram mortos por assaltantes.

Aaron pegou os alforjes dos mortos, arremessou-os para bem longe no meio do brejo e então assobiou para o alazão, que trotou, obediente, em sua direção. Depois de montar, estendeu a mão e puxou a garota para cima, sentando-a à sua frente.

— Agora, onde está essa suposta montaria?

— Depois daquelas supostas oliveiras — ela respondeu suavemente, com o coração martelando no peito conforme se encostava ao corpo rijo do guerreiro. Lutando contra o impulso de estender a mão e tocar a cicatriz no queixo recém-barbeado, Magdalena murmurou: — Agradeço mais uma vez por salvar minha vida e minha honra, don Die... Aaron — corrigiu-se.

— Só tome cuidado para não sair cavalgando sem companhia outra vez — ele recomendou, com a severidade de um irmão mais velho, quando a fez escorregar de Andaluz, depois de freá-lo ao lado da bela égua branca de Magdalena.

— Estará na Corte quando Suas Majestades chegarem a Sevilha? — perguntou ela, sem fôlego.

A expressão de Aaron era sombria ao responder:

— Só vim visitar minha família brevemente... para resolver um assunto pessoal. O rei e a rainha estão acampados do lado de fora de Granada, e é provável que fiquem lá até que a cidade se renda. Devo me reunir em breve ao exército de Fernando para participar do glorioso acontecimento.

— Vai acontecer logo?

Os olhos de Magdalena reluziram quando ela imaginou o esplendor da Corte, com cavaleiros em brilhantes armaduras e as damas com joias e rendas, todos marchando numa entrada triunfal no último reduto mourisco de todas as Espanhas.

— Imagino que Granada caia no começo de 1492 — ele respondeu com uma estranha nota de tristeza na voz. — Talvez eu esteja na Corte depois disso — emendou, enigmático.

— Então, eu o verei lá — ela disse, com alívio — , pois meu pai prometeu que serei uma dama na comitiva da rainha. — Montou a potranca com a graça inconsciente de alguém acostumado desde muito a cavalgar e, em seguida, sorriu de um modo cativante ao tentar alisar as tranças emaranhadas. — Espere só, pois serei uma dama muito bela quando nos encontrarmos da próxima vez, don Aaron.

Ele riu diante do ânimo rude da garota.

— Talvez seja, apesar de tudo, dona Magdalena. — Com isso, cumprimentou-a e virou Andaluz para o outro lado.

Magdalena observou-o cavalgar na direção de Sevilha e, então, murmurou baixinho:

— Eu *serei* linda, Aaron Torres... e me casarei com você!